

DAMA DE PAUS, DE ELIANA CARDOSO:
PROCESSOS INTERMIDIAIS NA PASSAGEM DO *EBOOK* AO LIVRO

Dama de Paus, by Eliana Cardoso:
Intermedial Processes in the Transition from eBook to Book

DOI: 10.14393/LL63-v37n1-2021-09

Jaimeson Machado Garcia*

Ana Cláudia Munari Domingos**

RESUMO: Este artigo visa analisar a passagem do *ebook* ao livro a partir dos pressupostos teóricos da Intermedialidade definidos por Lars Elleström (2021 [2020]). Para isso, tomamos como objeto de análise o *ebook* vencedor da terceira edição do Prêmio Kindle de Literatura, o romance *Dama de Paus* (2018; 2019), de Eliana Cardoso, e a sua versão em livro, publicada pela editora Nova Fronteira. Para atingirmos o objetivo proposto por esta investigação, iniciamos falando sobre o Prêmio Kindle de Literatura e a mudança paradigmática que ele traz na relação entre o livro e e-book. Em seguida, estabelecemos algumas definições do que, para Elleström (2021 [2020]), é uma mídia, suas classificações e modalidades para, posteriormente, descrevermos as possíveis relações intermidiáticas a partir de uma perspectiva sincrônica e uma perspectiva diacrônica. Após a análise, entendemos que esse processo de remediação do *ebook* para o livro impresso através do Prêmio Kindle de Literatura pode ser entendido tanto como uma transmediação técnica quanto semiótica por conta dos diferentes níveis de transformações nos elementos que constituem o livro.

PALAVRAS-CHAVE: Prêmio Kindle de Literatura. Ebook. Livro. Midialidade. Intermedialidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze the transition from eBook to book based on the theoretical assumptions of Intermediality defined by Lars Elleström (2021 [2020]). To this end, we analyze the eBook that won the third edition of the Kindle Storytelling Award, the novel *Dama de Paus* (2018; 2019), by Eliana Cardoso, and its book version published by Nova Fronteira. We start by commenting the Kindle Storytelling Awards and the paradigmatic change it brings in the relationship between the book and eBook. Then, we establish some definitions of what, for Elleström (2021 [2020]), is a media, its classifications and modalities before describing the possible intermedial relations from a synchronic perspective and a diachronic perspective. After the analysis, we understand that this process of re-mediation from the eBook to the printed book through the Kindle Storytelling Awards can be understood as both a technical and a semiotic transmediation because of the different levels of transformations in the elements that make up the book.

KEYWORDS: Kindle Storytelling Award. eBook. Book. Mediality. Intermediality.

* Mestre em Letras pelo PPGL da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). ORCID: 0000-0002-3398-6828. E-mail: jaimesonmachadogarcia(AT)gmail.com.

** Doutora em Letras e Professora do PPGL da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). ORCID: 0000-0002-6629-588X. E-mail: ana.c.munari(AT)gmail.com

1 Introdução

O Prêmio Kindle de Literatura é um concurso cultural promovido pela Amazon desde o ano de 2017, que tem por objetivo descobrir novos talentos da escrita criativa que autopublicaram seus romances inéditos em *ebook* por meio do Kindle Direct Publishing, plataforma virtual voltada para autores independentes. Da primeira à terceira edição, além de um valor em dinheiro, o vencedor ainda era gratificado com uma versão impressa de sua obra pelo selo editorial da Nova Fronteira, uma das promotoras do concurso durante os quatro primeiros anos.

Já a partir da quarta edição, o vencedor ainda poderia ter sua obra transformada em filme ou série exclusiva para o PrimeVideo, a plataforma de *streaming* da Amazon. E da quinta edição em diante, dessa vez em parceria com a Grupo Editorial Record e a TAG Livros, além de todos os prêmios citados, o autor e os finalistas também passaram a ganhar a versão em audiobook de seus romances para a plataforma Audible, também da Amazon.

Cronologicamente, o romance vencedor da primeira edição prêmio foi *Machamba*, de Gisele Mirabai, no ano de 2017, seguido por *O Memorial do Desterro*, de Mauro Maciel, em 2018, *Dama de Paus* (2018; 2019), de Eliana Cardoso, em 2019 e, na quarta edição, em 2020, *Dias Vazios*, de Barbara Nonato. Apesar da variedade de tipos de mídias que são gerados a partir do romance vencedor, nesta pesquisa nos interessa particularmente a relação entre o *ebook*, autopublicado de maneira independente, e o livro impresso, republicado por uma editora de renome no mercado editorial brasileiro. Levando-se em conta que a prática comum é a publicação de *ebooks* a partir de obras já impressas, podemos considerar essa transmidiação como uma nova ação editorial.

Richard Brandt (2011), Brad Stone (2013) e Justin Peters (2016) contam que os primeiros títulos que deram origem ao formato *ebook* nada mais eram do que digitalizações de livros que já se encontravam em circulação no mercado editorial. O objetivo geral dessa prática, muito comum ainda atualmente, era o de tornar acessível o conteúdo das obras para o formato digital, em um processo ainda anterior ao formato *ebook* como conhecemos hoje, mas que também parte da digitalização de obras em papel.

Também tem sido bastante comum que obras publicadas em livro impresso sejam lançadas concomitantemente com sua versão em *ebook* e vendidas em lojas virtuais como a da própria Amazon, o Wook e, no Brasil, por livrarias como a Cultura. Esses processos de digitalização, sejam eles entre o impresso e o digital ou entre o digital e o *ebook*, buscam evitar mudanças significativas, em um fenômeno que podemos denominar como uma remediação (BOLTER; GRUSIN, 2000), isto é, a transformação da mídia livro.

A ação contrária, no entanto, é bem menos comum, porque a justificativa para a impressão de uma obra já disponível em *ebook* não é a mesma. E é sobre essa direção oposta que essa pesquisa se desdobra ao buscar descrever e compreender o fenômeno que caracteriza a passagem do *ebook* ao livro.

Para respondermos a essa indagação, buscamos nos Estudos em Intermedialidade fundamentos teóricos que nos auxiliassem não apenas na realização da análise, mas sobretudo em sua descrição, através de um discurso teórico, visto que estamos tratando da interação entre dois tipos de mídias, justamente o objeto dessa área de pesquisa. Por se configurar como uma área multifacetada, em que um mesmo objeto ou fenômeno pode ser analisado a partir de diferentes perspectivas, optamos pelo viés teórico de Lars Elleström em *Beyond Media Borders, Volume 1: Intermedial Relations among Multimodal Media* (2021 [2020]), considerando a complexidade que ele dimensiona para o conceito de mídia e das modalidades das mídias, permitindo que observemos a relação intermedial, objeto deste trabalho, em seus diferentes aspectos.

Para a análise da passagem entre o *ebook* e o livro, tomamos como objeto o romance *Dama de Paus* (2018; 2019), vencedor do Prêmio Kindle de Literatura em 2019, por essa ser a única edição do prêmio da Amazon cujo processo pudemos acompanhar desde a inscrição dos *ebooks*, a seleção dos finalistas, o anúncio do vencedor e a republicação em livro pela editora Nova Fronteira durante o período de 2018 a 2019, junto ao desenvolvimento dessa pesquisa.

Esse acompanhamento do percurso das obras pelas etapas do concurso da Amazon é muito importante, porque o *ebook* autopublicado é substituído na plataforma de vendas da Amazon pelo “arquivo do livro” assim que é novamente lançado pela Nova Fronteira. Isso nos impediu de averiguarmos também os vencedores das primeiras duas edições, *Machamba* e *O Memorial do Desterro*, visto que, na ocasião do início do trabalho, os *ebooks* já haviam sido remidiados pelos arquivos que correspondiam ao formato impresso, substituindo a versão digital anterior que dera origem ao livro.

Por isso, para mantermos a integridade do *ebook* de *Dama de Paus* (2018; 2019), realizamos o seu *download* em um Kindle¹ e o desconectamos da internet, a fim de evitar possíveis atualizações no arquivo original até o fim da análise. É preciso explicar que essa atualização automática dos *ebooks* pela plataforma é uma rotina, embora não seja frequente. Mas caso ela ocorra, é possível que sequer saibamos dessas alterações.

Para seguir a intenção de descrever os diferentes aspectos dessa passagem entre o *ebook* e o impresso, entendemos que seja necessário dar conta ao leitor de alguns conceitos

¹ Kindle é o dispositivo eletrônico de leitura da Amazon, lançado em 2007.

aqui utilizados, como os de mídia, tipos de mídias, modalidades das mídias, os modos dessas modalidades, bem como os aspectos qualificadores que as tornam singulares. Em seguida, estabelecemos os tipos de fenômenos intermidiais compreendidos pela perspectiva sincrônica e diacrônica propostos por Elleström (2021 [2020]). A partir daí, analisamos as similaridades e dissimilaridades entre o *ebook* e o livro de *Dama de paus* (2018; 2019), propondo algumas reflexões sobre o processo “entre” os dois.

2 As modalidades das mídias livro e *ebook*

A fim de compreendermos os pressupostos de Lars Elleström (2021 [2020]) para a Teoria da Intermidialidade, devemos, inicialmente, estabelecer o que é uma mídia na perspectiva complexa realizada pelo pesquisador. Enquanto Marshall McLuhan (1969) a considera como uma “extensão do corpo humano”, ao constatar a influência dos meios de comunicação de massa na corporalidade e mentalidade humana, Elleström (2021 [2020]) a define como uma extensão da mente humana, que parte da mente de um produtor para a mente de perceptor através de um produto de mídia. A mídia, aqui, é o processo que inclui o meio técnico e a “materialidade” do produto de mídia entre duas mentes – a que produz e a que percebe um valor cognitivo.

Os produtos de mídia são, assim, um estágio intermediário que permite a transferência de um valor cognitivo de uma mente a outra. *Machamba, O Memorial do Desterro* e *Dama de Paus* (2018; 2019) são alguns exemplos de produtos de mídias que já foram citados ao longo deste trabalho. Cada um deles é responsável por transferir valores cognitivos, que, neste caso, são as narrativas em potência, porque aquilo que estava na mente do produtor e depois no livro ou *ebook* – dois tipos de mídias – não é exatamente o mesmo que está na mente do perceptor e, por isso, é um “valor” que depende da cognição, dos processos de interpretação e da construção de significado (ELLESTRÖM, 2021 [2020]). Para Elleström (2021 [2020]), “mensagem”, termo usado na teoria da comunicação, não dá conta desse processo, pois o valor transferido muda entre as duas mentes, quer dizer, ele não é exatamente algo que possa ser “carregado”, como uma carta, de um lugar a outro, mas, sim, “acontece” entre um e outro.

Mas para que esse fenômeno da comunicação ocorra, é necessária uma mídia técnica de exposição, através da qual o produto de mídia se realiza para que seja percebido. Para o teórico, uma mídia técnica de exposição se caracteriza como qualquer objeto, fenômeno físico ou partes do corpo humano que permitem a transferência do valor cognitivo, como, por exemplo, a voz e o corpo humanos, o semáforo, o aparelho de televisão. As mídias técnicas de

exposição podem ser internas, como a voz de uma pessoa, ou externas, como qualquer dispositivo que se encontra fora do corpo humano.

A tela do computador, por exemplo, é uma mídia técnica de exibição, como a tela *touchscreen*, que, neste caso, pode ser também uma mídia de produção. A CPU do computador é uma mídia de produção e armazenamento, enquanto o *pendrive* é considerado unicamente uma mídia de armazenamento. Todas elas são tipos de mídias técnicas, mas outros casos também podem ser incluídos nesta ou em outras listas, a exemplo dos softwares que armazenam produtos de mídia, que são mídias de produção e armazenamento. Já o *e-reader* Kindle é uma mídia técnica de exposição ao mesmo tempo em que se constitui como uma mídia de armazenamento quando realizamos o download do *ebook*. Enquanto isso, o livro é sempre uma mídia técnica de exposição e armazenamento que pode se tornar uma mídia técnica de produção, se escrevemos nele. Quando anotamos em um livro, o fazemos na mídia técnica livro, nas páginas em papel; já as anotações em um *ebook* estão armazenadas naquele produto de mídia e podem ser lidas em outras mídias técnicas, como no computador.

Para Elleström (2021 [2020]), uma mídia pode ser categorizada abstratamente de duas formas. A primeira categoria, e a que nos interessa mais nesse estudo, é a das mídias básicas, e a segunda é a das mídias qualificadas. Os tipos de mídias básicas, como dissemos, se constituem como categorias abstratas de análise das mídias, compreendidas por meio de quatro modalidades, inerentes a todas as mídias. Cada uma das modalidades, por sua vez, é composta por diferentes modos, que são as variadas formas de produzir, mediar e receber, tornando peculiares os diferentes tipos de mídia.

Partindo das modalidades pré-semióticas à modalidade semiótica, temos inicialmente a modalidade material, que pode ser entendida de duas formas. Na primeira, pelo estado físico da matéria, podendo ser sólido, líquido, gasoso, ou, no caso de televisores, plasmático. Já a segunda forma é pela sua biologia, que pode ser orgânico ou inorgânico.

Enquanto o livro é considerado orgânico por ser produzido com componentes extraídos da natureza, por exemplo, o Kindle é inorgânico por possuir, de maneira geral, componentes plásticos. Ambos, no entanto, são sólidos. É preciso anotar que o livro é, ao mesmo tempo, uma mídia técnica e um tipo de mídia básica, por estar fixo em seu suporte material. Isso quer dizer que não podemos separar a mídia técnica, o formato em papel, do que ele constitui como objeto comunicante – o produto de mídia.

Já o *ebook* pode convergir por diferentes mídias técnicas. Como esse tipo de mídia se constitui como um arquivo digital separado dos suportes onde é realizado, é possível lermos uma obra que compramos através de um *e-reader* em um computador conectado à mesma conta de armazenamento na nuvem graças a programas ou sites voltados para essa finalidade.

Em contrapartida, para lermos no computador um livro que foi publicado de forma impressa, teríamos de remidiar novamente seu conteúdo, seja digitalizando-o ou comprando sua versão em *ebook*.

Apesar de ser possível dissociar a modalidade material de uma mídia de sua mídia técnica na teoria, o mesmo não ocorre na prática, visto que uma mídia é percebida de forma integral apenas através da sua materialidade técnica. Ou seja, embora exista como arquivo digital, o *ebook* só pode ser percebido a partir de uma mídia técnica.

Mas para haver essa percepção do produto de mídia, é necessário que ele esteja localizado no tempo e espaço. Por essa razão, Elleström (2021 [2020]) considera a segunda modalidade como a espaçotemporal, a qual se encontra alicerçada nos modos largura, altura, profundidade e tempo. Um livro e um Kindle, por exemplo, são percebidos pela largura, altura e profundidade, embora a questão da profundidade seja diferente entre eles, visto que a espessura de um livro está relacionada ao produto de mídia que ele realiza, enquanto no *ebook* os arquivos digitais não interferem na profundidade.

É por meio da modalidade espaçotemporal que nossos órgãos sensoriais conseguem perceber, pelo menos dois desses modos em um mesmo produto de mídia. Em virtude disso, a terceira modalidade estabelecida por Elleström (2021 [2020]) é a sensorial. Baseada nos cinco sentidos humanos como seus modos — o tato, a visão, o paladar, a audição e o olfato —, a modalidade sensorial permite a ativação de uma conjunção de operações cognitivas e sensoriais que são evocadas para que ocorra a mediação entre duas mentes.

Por isso, como mídias técnicas, tanto o livro quanto o Kindle possuem o tato e visão como modos semelhantes. Ainda podemos considerar para o livro e o Kindle o olfato. Enquanto as páginas impressas em papel estão suscetíveis ao cheiro da tinta e ações do tempo, como a umidade, exposição ao sol ou até mesmo a sua biodegradação natural, que pode variar de exemplar para exemplar, no Kindle o cheiro do plástico do qual é feito sempre é o mesmo — quer dizer, os leitores de livros não o reconhecem como aquele cheiro característico de um livro, que é diferente conforme suas propriedades orgânicas.

É através dos modos da modalidade sensorial que ocorre a representação, entendida conceitualmente como um fenômeno semiótico que permite a construção de sentido, ou seja, a ação através da qual os receptores interpretam o valor cognitivo em uma situação comunicacional. Por isso, a quarta e última modalidade é definida como a modalidade semiótica.

Inspirada na tricotomia de Charles Sanders Peirce, Elleström (2021 [2020]) define os modos da modalidade semiótica a partir da representação sígnica: a ilustração para as representações icônicas, que guardam relações de semelhança com o que representam; a

indicação para as representações indiciais, estabelecendo uma associação de fato com o objeto que representam; e a descrição para as representações simbólicas, que designam relações puramente convencionais. Juntas, as modalidades material, espaçotemporal, sensorial e semiótica definem os tipos de mídia básica.

Para melhor compreensão, estabelecemos o Quadro 1 para mostrarmos as modalidades do tipo de mídia livro e *ebook* a partir de suas mídias técnicas livro e Kindle.

Quadro 1: As modalidades dos tipos de mídias livro e *ebook*

Mídia técnica	Modalidades				Tipo de Mídia
	Material	Espaçotemporal	Sensorial	Semiótica	
Livro de papel impresso	Superfície plana, tridimensional, sólida e orgânica	Altura, largura e profundidade	Visão, tato e olfato	Ilustração, descrição e indicação	Livro
<i>e-reader</i> Kindle	Superfície plana, tridimensional, sólida e inorgânica	Altura, Largura e [profundidade]	Visão, Tato e [olfato]	Ilustração, descrição e indicação	<i>Ebook</i>

Fonte: elaborado pelos autores.

Quando tratamos dos diferentes tipos de mídias básicas, essas quatro modalidades não são suficientes para defini-las em suas idiossincrasias, por exemplo, entre um romance gótico e uma autobiografia, ambos em livro em papel. Em razão disso, Elleström (2021 [2020]) considera ainda dois aspectos qualificadores que categorizam um tipo de mídia qualificada. Isto é, a segunda categoria abstrata definida pelo teórico para analisarmos as mídias.

O primeiro é o aspecto qualificador contextual, baseado no contexto histórico, geográfico e cultural a partir de determinadas práticas, discursos e convenções. Já o segundo é o aspecto qualificador operacional, baseado no propósito geral, uso e definições de uma mídia. Neste estudo, não nos aprofundamos nos aspectos qualificadores, pois, como nosso objeto está na passagem do *ebook* para o livro, a relação intermedial em foco é condicionada pela mídia técnica e pelas modalidades básicas. Tratamos aqui de um mesmo romance, assim, não há diferença entre eles no aspecto do tipo de mídia qualificada.

3 Intermedialidade: heteromiedialidade e transmedialidade

A Intermedialidade é um campo de estudos multifacetado e complexo, visto que as interações entre as mídias podem ser vistas sob diferentes perspectivas. É pensando nessa variedade de pontos de vista que Elleström (2021 [2020]) mostra como os estudos de Intermedialidade podem ser realizados sob duas perspectivas – a sincrônica e a diacrônica –, que englobam as diferentes espécies de interação entre as mídias, a exemplo da passagem do *ebook* para o livro. Enquanto a sincronidade considera essas interações em um determinado momento e muitas vezes em apenas um produto de mídia, a diacronicidade considera as relações entre tipos de mídia ou produtos de mídia a partir de uma anterioridade. Apesar de analíticas, essas perspectivas não representam um esforço para categorizar todos os produtos de mídias, mesmo que seja possível investigá-los das duas formas.

Em uma perspectiva sincrônica, por exemplo, conseguimos compreender quais os tipos de mídias básicas convergem para a constituição de um de tipo de mídia *ebook*, analisando suas modalidades e modos, em comparação a outros tipos de mídias básicas. Por exemplo, o *ebook* combina a tecnologia material do livro – a superfície plana que precisa ser vista e folheada – à tecnologia da luz. Já pela perspectiva diacrônica, podemos visualizar como os *ebooks* foram se constituindo como um novo tipo de mídia a partir da digitalização de obras já impressas. Nessa perspectiva se encaixam, por exemplo, os estudos de história da mídia, mas também aqueles que investigam dois produtos de mídia que tecem relações transtextuais, a exemplo das transmediações da literatura para o cinema.

A partir dos conceitos de Jörgen Bruhn que, por sua vez, se apropria dos conceitos de William John Thomas Mitchell e de suas próprias teorias, Elleström (2021 [2020]) denomina a perspectiva sincrônica como heteromiedialidade. De maneira geral, a heteromiedialidade se refere aos tipos e produtos de mídia que possuem modos pré-semióticos básicos parcialmente similares e parcialmente dissimilares quando comparados e, que por isso, podem combinar-se.

Assim, a heteromiedialidade se constitui pela combinação e integração entre mídias básicas e qualificadas, fenômeno que Elleström (2021 [2020]) denomina como integração midiática. Essa propriedade analisável da mídia tem sentido na impureza já aqui citada, pois todas as mídias compartilham características e são, portanto, passíveis de misturas e composições. Por consequência, os produtos de mídias e os tipos de mídias só podem ser corretamente compreendidos a partir dessa comparação entre si.

A perspectiva sincrônica é uma condição fundamental da midialidade como tal, visto que, na comunicação, os atos de mediação fazem os sentidos trabalharem em conjunto, quer dizer, a percepção das mídias é sempre crossmodal. Isso pode ser explicado pelo modo como podemos imaginar o aroma de um alimento vendo-o pela televisão ou o apito de um trem, ainda que não haja o som no filme.

Elleström (2021 [2020]) argumenta que a perspectiva sincrônica é relevante tanto para as relações intramídiais, isto é, aquelas entre mídias cujas modalidades básicas apresentam os mesmos modos — a exemplo da relação entre textos verbais na intertextualidade — quanto para as relações intermídiais, aquelas em que os tipos ou produtos de mídias apresentam modos diferentes, como no caso do *ebook* e do livro.

No entanto, como estamos tratando da interação entre dois produtos de mídia, um anterior — o *ebook Dama de Paus* (2018) — e o posterior — o livro impresso *Dama de Paus* (2019) —, nos interessa a perspectiva diacrônica. Denominada por Elleström (2021 [2020]) como transmidialidade, a perspectiva diacrônica é pertinente para a análise dos tipos e produtos de mídias que possuem a capacidade de representar, através da noção semiótica de Charles Peirce, o mesmo objeto ou objetos similares. A exemplo das mídias que realizam narrativas e possibilitam que um mesmo produto de mídia seja transferido entre elas ou seja representado “dentro” delas, por exemplo, contar a mesma história em um romance, em filme, em uma canção ou peça teatral.

Por isso, para o teórico, a transmidialidade se divide entre transmidialidade intermidial e transmidialidade intramidual. A transmidialidade intermidial tem a ver com transferência e transformação e diz respeito a todas as características que são potencialmente transferidas entre as mídias a partir de uma transformação que acontece em uma ou mais modalidades pré-semiótica — e, por consequência, na semiótica.

Anteriormente, usamos o termo remediação para descrever casos em que o nível de transformação é baixo, isto é, quando se faz praticamente inexistente ou não intencional, como a transferência do conteúdo de um livro impresso para um arquivo digital, sabendo-se que toda a transferência entre um produto de uma mídia e outro envolve mudanças, sejam elas grandes ou pequenas.

Um exemplo de transmidialidade intermidial são os romances literários adaptados para as histórias em quadrinhos, que se caracterizam como dois diferentes tipos de mídia qualificada. É provável que, por narrarem a mesma história, ambos produtos de mídia sejam muito próximos, mas ainda assim guardam muitas dessemelhanças. Além disso, embora a mídia

técnica possa ser a mesma, a modalidade espaçotemporal e, por conseguinte, a sensorial e a semiótica, não o são, visto que as imagens, icônicas ou indiciais, são percebidas sincronicamente, enquanto as palavras, simbólicas, evocam uma percepção linear e continuada.

Mas enquanto um romance pode ser transmidiado pela voz humana, a transmídiação dos quadrinhos para um audiobook evocaria uma mudança bem mais radical. As imagens gráficas, que em um filme se transformariam em imagens em movimento, precisariam ser transformadas em palavras, roteirizadas e narradas, para se adequarem a um tipo de mídia que apresenta modos diferentes nas modalidades básicas. Vulgarmente conhecido como “adaptação”, Elleström (2021 [2020]) denomina esses fenômenos de transferência como Transformação midiática ou Transmídiação.

Já a transmidialidade intramidual acontece nos processos de tradução e diz respeito à noção de transferência entre produtos de mídia e tipos de mídias cujas modalidades apresentam os mesmos modos ou as mesmas características, como o cinema e cinema, teatro e teatro, literatura e literatura ou, ainda, literatura e jornalismo — visto que as modalidades básicas de ambos os tipos de mídia qualificada são as mesmas. Elleström (2021 [2020]) denomina esse fenômeno Tradução midiática.

Para melhor compreensão das inter-relações heteromidiais e transmidiais propostas pelo teórico, estabelecemos o Quadro 2.

Quadro 2: Inter-relações heteromidiais e transmidiais (ELLESTRÖM, 2021 [2020])

	Intramidualidade		Intermidialidade
Perspectiva	Diacrônica	Sincrônica	Diacrônica
Inter-relação	Transmidialidade	Heteromidualidade	Transmidialidade
Fenômeno	Tradução midiática	Integração midiática	Transformação midiática

Fonte: elaborado pelos autores.

Tendo em mente os fenômenos que compõem a perspectiva diacrônica e a transmidialidade, passamos então para a análise do nosso objeto de estudo.

4 *Dama de Paus*: do ebook ao livro

Originalmente autopublicado em *ebook*, *Dama de Paus* (2018; 2019) é o terceiro romance de Eliana Cardoso em sua carreira literária. Apesar de seu conteúdo ser importante

para a composição do *ebook* e livro, nosso foco não está em estabelecer uma análise complexa de sua narrativa a partir de sua modalidade semiótica, mas sim observar as similaridades e dissimilaridades entre os tipos de mídia.

Para isso, tomamos como ponto de partida suas respectivas capas, que são os primeiros elementos a serem percebidos pelos leitores. Ao observarmos, inicialmente, o *ebook* de *Dama de Paus* (2018), encontramos o seu *design* de capa creditado a Guilherme Paccola. Diferente da capa do livro, a capa do *ebook* pode ser midiada de formas diferentes, pois ela não é fixa em sua mídia técnica. Em vista disso, as mídias verbais e não verbais que a compõem podem ser percebidas de acordo com a tela onde é midiada, ou seja, dependem das especificações técnicas da mídia de exposição.

Em computadores, smartphones ou tablets é possível perceber a capa de *Dama de Paus* (2018) colorida nas telas plasmáticas. Já no Kindle, a mesma capa só pode ser percebida em preto e branco devido à tela *e-ink*, tecnologia que permite que o dispositivo de leitura Amazon “imite” a impressão do livro, mas apenas em preto e branco, como mostramos na Figura 1 a seguir. Essa diferença entre as mídias técnicas pode ocasionar mudanças nos modos da modalidade semiótica, a exemplo da cor vermelha, que pode ter representações diferentes quando associada ao título, podendo significar paixão, amor ou morte.

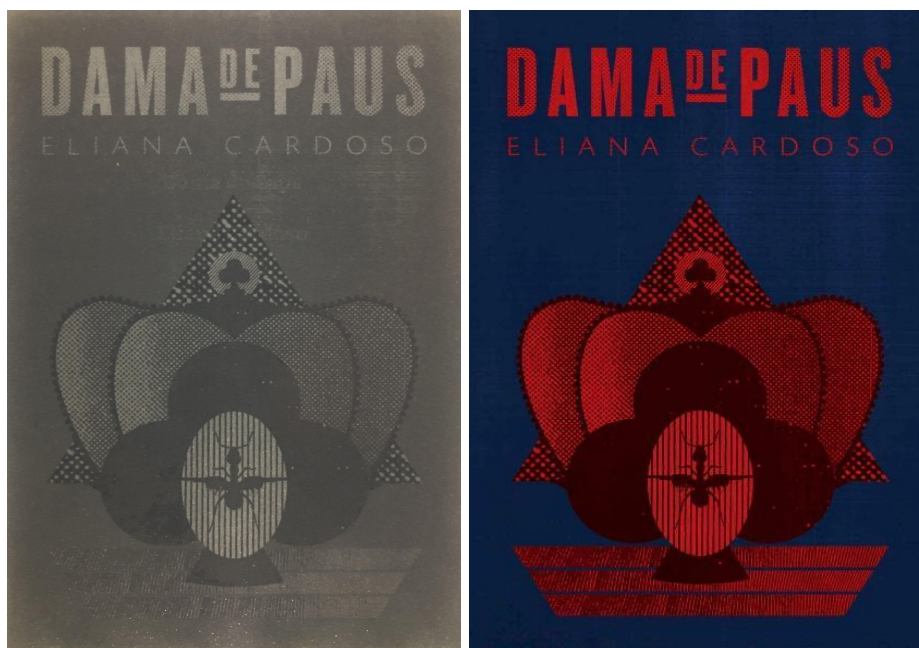


Figura 1: Capa do *ebook* *Dama de Paus* (2018) midiado pelo Kindle e pelo computador

Fonte: capa extraída do *ebook* *Dama de Paus* (2018).

Já o *design* da capa, contracapa e orelhas do livro são creditados a Jonatas Belan, com imagens provenientes dos bancos de imagens virtuais iStock² e CSA Images³. Somente por essa diferença, podemos observar que houve uma transformação midiática na capa durante o processo de passagem do *ebook* ao livro, visto que as imagens que as compõem foram editadas e adaptadas para cada tipo de mídia. Mesmo que fosse possível reproduzir com exatidão a capa do *ebook* no livro, ainda assim estaríamos tratando de uma transformação sutil em sua modalidade sensória e semiótica, principalmente pela característica do livro moderno em formato códice possuir uma contracapa, lombada e orelhas, o que, em um *ebook*, não são elementos realizáveis devido a sua falta de profundidade.

Quando dispomos a capa colorida do *ebook* ao lado da capa do livro impresso, podemos perceber a dessemelhança ainda mais evidente na representação. Analisando os modos semióticos, encontramos na descrição quase as mesmas palavras para identificar o romance em ambos os produtos de mídias. Na capa do *ebook*, as palavras servem para identificar o título, *Dama de Paus* (2018), e o nome da autora, Eliana Cardoso. No livro, além dessas informações na capa e lombada, ainda há a identidade visual da editora Nova Fronteira. Já em relação às cores, na capa do *ebook* encontramos a predominância do azul e tonalidades em vermelho. Enquanto isso, no livro, a variedade é muito maior, visto que apresenta tonalidades de laranja, amarelo, preto, branco, cinza e vermelho.

No modo ilustração, encontramos no *ebook* representações icônicas de cartas de baralho, como a coroa da dama e o naipe de paus que se encontram sobrepostos um ao outro junto a outras formas geométricas. No livro, há somente uma imagem, que podemos definir como um recorte da figura da rainha tal como é representada na carta dama de paus do baralho. Na contracapa, essa mesma imagem é invertida, representando assim a dualidade relacionada à trama da narrativa. Então, na passagem do *ebook* para a capa do livro, há mais evidência para a figura da dama de paus. Já as relações de indicação se assemelham tanto no *ebook* quanto no livro, considerando que a imagem não verbal é um índice do título.

São as características únicas do livro em formato de códice, isto é, sua capa, lombada e contracapa, que permitem que percebamos o livro tridimensionalmente em sua profundidade. Em uma estante, com os livros dispostos lado a lado, é possível identificar um produto de mídia somente por sua lombada, como mostramos na Figura 2. O mesmo ocorre com a contracapa, caso o livro seja visto pela “parte de trás” se pensarmos no sentido ocidental de leitura, ao

² Disponível em: <https://www.istockphoto.com/br>. Acesso em: 5 dez. 2019.

³ Disponível em: <https://www.csaimages.com/>. Acesso em: 5 dez. 2019.

contrário do *ebook*, visto que sua percepção ocorre somente por meio da tela, de forma unidimensional, como na representação da fotografia.



Figura 2: Comparação entre a capa do *ebook* e a capa, lombada e contracapa do livro em análise
Fonte: *ebook* e livro *Dama de Paus* (2018; 2019).

Já para a percepção das orelhas do livro, é necessário que ele seja aberto. Na primeira orelha encontramos uma breve resenha de Antonio Carlos Secchin, membro da Academia Brasileira de Letras, enquanto na segunda orelha temos um “Sobre a autora”, que também se encontra presente no *ebook*, logo após o último capítulo. Comparando as biografias de ambos os produtos de mídia, notamos uma atualização no processo de passagem do *ebook* ao livro. No *ebook*, é informado que a autora é colunista do *Valor Econômico* e mora em São Paulo. No livro, a diferença é que a autora já não é mais a colunista do jornal e que *Dama de Paus* (2019) é o romance vencedor da terceira edição do Prêmio Kindle de Literatura.

A mudança de posição da seção “Sobre a autora”, a atualização das informações e as pequenas alterações na estrutura nos mostram mais uma transformação midiática, que, consequentemente, acaba trazendo novos sentidos, em vista também dos modos de leitura. Curiosamente, é na segunda orelha o único local em que o Prêmio Kindle de Literatura é citado. Já na versão digital do livro, apesar de não ser esse nosso foco de análise, não há essas informações contidas nas orelhas.

Há, ainda, outros dois elementos que são característicos do livro devido ao seu formato em códice, estando um deles também presente no *ebook*. O primeiro é a falsa folha de rosto, onde há uma repetição da imagem da dama de paus que é utilizada na capa e contracapa em preto e branco. Já a folha de rosto está presente tanto no *ebook* quanto no livro.

Diferentemente da falsa folha de rosto, que tem um papel mais estético, a folha de rosto possui uma clara intenção comunicativa: identificar o livro. Na folha de rosto do *ebook*, é utilizada somente a indicação para compor o título do romance e o nome da autora. No livro, além dessas informações, ainda encontramos a ilustração de naipes da carta de paus do baralho, a identidade visual da editora e a referência de que essa é a segunda edição do romance, como mostramos na Figura 3. Tanto a falsa folha de rosto, quanto a folha de rosto em si, são mais indicativos de um alto nível de transformação midiática.

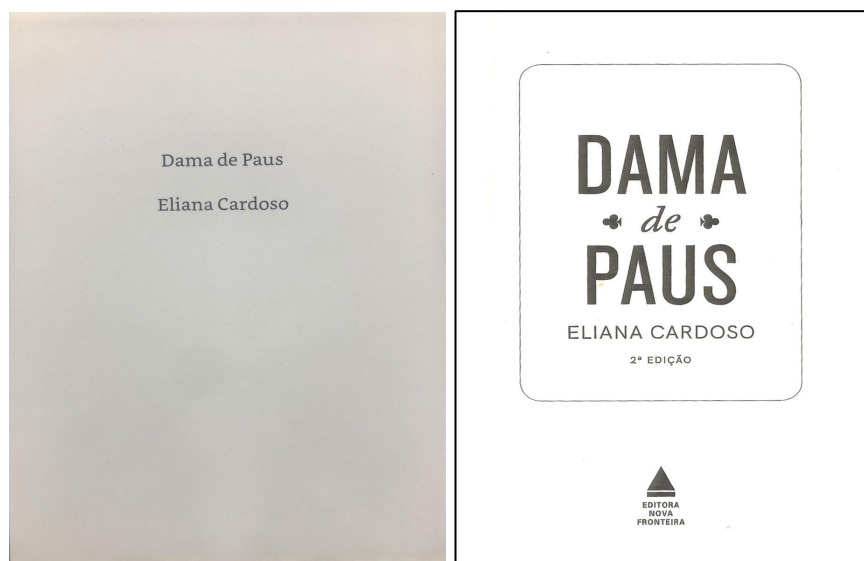


Figura 3: Comparação entre as folhas de rosto de *Dama de paus* (2018; 2019).
Fonte: folhas de rosto extraídas do *ebook* e livro *Dama de Paus* (2018; 2019).

Entretanto, há elementos presentes no *ebook* e no livro através dos quais podemos observar que houve um baixíssimo nível de transformação midiática se comparado ao que foi analisado até então. Por isso, podemos considerar que houve uma tentativa de realizar uma remediação durante o processo de passagem de um tipo de mídia a outro. Isto é, havia a intenção de mediar novamente o mesmo produto de mídia, evitando as alterações, já que, não podemos esquecer, trata-se do mesmo produto de mídia e da mesma autoria.

O primeiro desses elementos que sinalizam para a semelhança é a epígrafe de James Joyce. Sendo uma escolha da própria autora a inserção ou não de uma epígrafe, podemos considerar que não houve alterações significativas no processo de passagem de uma mídia a outra, ainda que consideremos as diferenças entre a tela e o papel.

O segundo são os sumários do *ebook* e do livro. Quando os comparamos lado a lado, também não constatamos nenhuma mudança significativa, à exceção da diagramação da página e da diferença na numeração, visto que, no Kindle, ela pode variar de acordo com o

tamanho, tipo e espaçamento das fontes. Enquanto isso, no livro, a numeração é fixa em sua mídia técnica de exibição, como podemos observar na Figura 4.

SUMÁRIO	
Ouros, copas, paus, espadas	9
Gavião de penacho	14
Irmãs	18
Remanso dos Quatis	23
Retrato	28
O grande amor de Flora	31
O desamor de Tainá	37
As falsas lembranças	44
O abraço	48
Em Roma	50
O tiro	55
O "Lanterna"	59
Condene-se a vítima	62
Jogo duplo	66
Longe de Pedra Bonita	70
Cachoeira do Choro	75
Galinha sem ninho	79
Promessas Quebradas	83
O namorado	87
A torre	91
Desdobra-se a língua	96
A suicida	100
Traições	106
As cartas na mesa	110
Meia-noite	117
À beira-mar	122

Figura 4: Comparação entre os sumários de Dama de paus (2018; 2019).

Fonte: sumários extraídos do *ebook* e livro *Dama de Paus* (2018; 2019).

Passando o sumário, chegamos à mídia básica texto verbal narrativo que compõe o conteúdo do romance. Ao cotejarmos o *ebook* e o livro, verificando palavra por palavra, linha a linha, parágrafo por parágrafo, não constatamos nenhuma transformação significativa no conteúdo, mas pequenas alterações que podem ser encaixadas em duas categorias. A primeira categoria é a das correções linguísticas, como, por exemplo, a da palavra “pedra-sabão” (CARDOSO, 2019, p. 71), que aparece sem hífen no *ebook*, enquanto no livro aparece corrigida, como mostrado na Figura 5.

<p>tinha deixado sob o peso do cinzeiro de pedra sabão. Emília notou aquele cuidado, suspirou e encheu o copo de uísque. Ela tinha se mudado para a praia do Pontal no Ceará, antes da chegada dos turistas. Já não sei se ela</p>	<p>O dia estava nublado. O advogado se foi, a chuva caiu e o vento entrou pela porta aberta, mas não espalhou os documentos, que o advogado precavido tinha deixado sob o peso do cinzeiro de pedra-sabão. Emília notou aquele cuidado, suspirou e encheu o copo de uísque. Ela tinha se mudado para a praia do Pontal no</p>
--	---

Figura 5: Exemplo de correção linguística na transferência do *ebook* ao livro

Fonte: extraídos do *ebook* e livro *Dama de Paus* (2018; 2019).

Já a segunda categoria representa a aplicação do manual de estilo da editora no decorrer do texto, como, por exemplo, a idade da personagem Tainá, que é informada no *ebook*

pelo numeral “30”, enquanto no livro é substituído pela sua forma escrita, “trinta” (2019, p. 38), conforme mostra a Figura 6.

<p>e um tanto sem graça, se tornaria aos 30 anos a mulher atraente, por quem um ricoço de São Paulo se encantou. Até onde sei, Tainá nunca teve um namorado antes de encontrar o homem com quem veio a se casar: Rui Garcia Guimarães.</p>	<p>da segunda neta. Na escolha do nome, a avó previu que a menina miúda e um tanto sem graça se tornaria aos trinta anos a mulher atraente, por quem um ricoço de São Paulo se encantou. Até onde sei, Tainá nunca teve um namorado antes de encontrar o homem com quem veio a se casar: Rui Garcia Guimarães.</p>
--	--

Figura 6: Exemplo do manual de estilo aplicado durante a transferência do *ebook* ao livro

Fonte: extraídos do *ebook* e livro *Dama de Paus* (2018; 2019).

Outros exemplos da aplicação do manual de estilo da editora são os usos de travessões, itálico ou aspas para demarcar as falas dos personagens em determinados trechos, o que, de certa maneira, se constitui como um recurso que facilita a fluidez da leitura em comparação ao *ebook*. Mesmo a narrativa apresentando o mesmo conteúdo em ambos os tipos de mídias, essas pequenas alterações mostram uma transformação no modo descrição da modalidade semiótica, visto que o uso dessas indicações no texto é estabelecido por convenções.

Assim, podemos considerar que o processo de passagem de um tipo de mídia a outro se caracteriza como uma transformação midiática, ora composta por alto nível de transformação, com a inserção de elementos e recursos que não se encontram presentes no *ebook*, ora por baixo nível de transformação, a ponto de serem quase imperceptíveis.

Para melhor compreensão, estabelecemos o Quadro 3, na página a seguir, apresentando todos os elementos analisados entre ambos os tipos de mídia.

Assim, a partir da observação entre as similaridades e dissimilaridades entre o *ebook* e o livro de *Dama de Paus* (2018; 2019), podemos observar que a transformação midiática ocorre, em um primeiro momento, na modalidade material, pois há a passagem do inorgânico do Kindle para o orgânico das páginas de papel. Já os modos das modalidades espaço-temporal e sensorial permanecem os mesmos – guardadas as questões da dimensão espaço-temporal, do peso do livro e da luminosidade da tela, por exemplo, que são sensoriais, ocasionados pela transformação nos modos da modalidade material. Mas a grande transformação se concentra na modalidade semiótica em vista das mudanças na capa, contracapa, falsa folha de rosto, folha de rosto, dentre os outros elementos vistos durante a análise.

Assim, para entender as questões intermediais no todo, vamos sintetizar o processo analisado de transferência de um produto de mídia em *ebook* para um produto de mídia em livro impresso a partir do Prêmio Kindle de Literatura da seguinte forma: inicialmente autopublicado pelo Kindle Direct Publishing, o romance em *ebook* é inscrito no concurso

literário da Amazon; ao vencer, ele passa por um processo de transformação nos modos de sua modalidade material e semiótica, vindo a ser novamente publicado por um selo editorial como tipo de mídia livro — no caso das primeiras quatro edições, pela editora Nova Fronteira. Após a publicação do livro impresso, o arquivo do *ebook* autopublicado é substituído pelo arquivo do livro em uma tentativa de remediação, como mostra a Figura 7.

Quadro 3 – A transformação midiática presente no tipo de mídia livro

TRANSFORMAÇÃO MIDIÁTICA		
Elementos do livro que apresentam um baixo nível de transformação midiática em relação ao <i>ebook</i>	Título do romance	Presentes no <i>ebook</i> e livro
	Epígrafe	
	Sumário	
	Conteúdo/Narrativa	
Elementos do livro que apresentam um alto nível de transformação midiática em relação ao <i>ebook</i>	Folha de rosto	Presentes somente no livro
	Capa	
	Falsa folha de rosto	
	Lombada	
	Orelhas	
	Contracapa	

Fonte: elaborado pelos autores.



Figura 7 – Fenômeno de passagem do *ebook* autopublicado para o livro republicado pela editora Nova Fronteira através do Prêmio Kindle de Literatura

Fonte: elaborado pelos autores.

A partir de Elleström (2021[2020]), poderíamos considerar esse processo de transferência como uma transmídiação intramidiática, já que ocorre entre dois produtos de mídia cujas modalidades básicas são muito semelhantes, sobretudo no que diz respeito a mídia verbal. É possível até mesmo entendermos que, como se trata de um mesmo produto de mídia, pois o título e autoria não mudam, e um mesmo tipo de mídia qualificada, esse processo poderia se caracterizar como intramidiática. Já as transformações, características da transmídiação intermídia, ocorrem sobretudo nos elementos paratextuais, que dizem respeito à adaptação do arquivo digital para o impresso, ou seja, entre o tipo de mídia *ebook* e o tipo de mídia livro, restando que há pouca transformação no produto de mídia em si, naquilo que mais importa: o romance que ele mídia. Assim, entendemos que é preciso configurar esse fenômeno como diferente daqueles processos que envolvem, na transferência de um produto de mídia a outro, um alto grau de transformação, como a passagem de um romance para os quadrinhos, por exemplo.

Por isso, compreendemos que, nem a transmídiação intramidiática, nem a intermídia (Elleström, 2021[2020]) dão conta de nomear esse fenômeno, cuja principal mudança ocorre a partir da remediação/remediação (BOLTER E GRUSIN, 2000) para outra mídia técnica. Por outro lado, constatamos que ele também se diferencia de outros processos que talvez possam ser entendidos como uma remediação técnica, a exemplo da transferência de um arquivo digital do computador para o Kindle, por exemplo, um texto em formato PDF. De outro, torna-se distinto da leitura oral de um romance, por exemplo, visto que o tipo de mídia qualificada, nesse caso, torna-se outro, entre a literatura escrita e a oral, para além das possibilidades de mudança dadas pela performance da leitura.

5 A “edição do autor” e “edição da editora”

A partir do presente estudo, podemos estabelecer que a passagem do tipo de mídia *ebook* ao livro do romance *Dama de Paus* (2018; 2019), de Eliana Cardoso, vencedor da terceira edição do Prêmio Kindle de Literatura, se caracteriza pela transformação nos modos das modalidades a partir das diferenças entre os tipos de mídias técnicas, isto é, o *ebook* e livro impresso. Nesse sentido, é possível acrescentar uma categoria àquela proposta por Elleström, a de transmídiação técnica.⁴

⁴ Conforme proposto por Ana Cláudia Munari Domingos na comunicação oral “Transmediation and the modalities of media” na mesa-redonda intitulada ADAPTATION, TRANSMEDIATION, INTERMEDIARITY, no dia 27/10/2020, às 10h30-12h, no XII SEMINÁRIO DE PESQUISA – III ENCONTRO INTERNACIONAL – II SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE LETRAS, realizados entre os dias 26 e 29 de outubro de 2020 na Uniandrade, Curitiba.

Podemos observar que todos os elementos que foram de responsabilidade da editora, como a composição da capa, da folha de rosto, da falsa folha de rosto, da lombada, das orelhas e da contracapa, possuem um nível de transformação maior quando comparados aos elementos que são de responsabilidade do autor para a composição do conteúdo em si, como o título da obra, a epígrafe, o título dos capítulos e a narrativa. Afinal, cabe ao autor escrever a obra e, à editora, transformar o texto em um livro, ou talvez um *ebook*, para ser produto atrativo e vendável.

Com isso, definimos que o *ebook*, autopublicado por meio do KDP, se constitui como uma “edição do autor”, já que não sofre a influência do trabalho de um editor, isto é, um agente ligado a uma editora. Enquanto isso, o livro pode representar uma “edição da editora”, com parte do valor cognitivo do autor e parte do valor cognitivo do editor, visto que houve todo um novo processo de edição, diagramação, revisão para a republicação da obra em formato impresso, ou seja, a preparação para a publicação dentro do sistema editorial e do reconhecido mercado do livro. Consequentemente, isso acaba gerando diferentes significações, que podem ser imperceptíveis para o leitor do romance, mas que se constituem em material de análise para pesquisadores das mídias e editores, sobretudo nestes tempos de mudanças radicais que têm evocado uma participação mais efetiva das tecnologias de comunicação digitais.

Referências

BAZIN, André. Por um cinema impuro – defesa da adaptação. In: BAZIN, André. **O que é o cinema?**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. Cambridge: The MIT Press, 2000, 293 p.

BRANDT, Richard L. **Nos bastidores da Amazon: O jeito Jeff Bezos de revolucionar mercados com apenas um clique**. São Paulo: Saraiva, 2017. Edição Kindle.

CARDOSO, Eliana. **Dama de paus**. 1. ed. Kindle Direct Publishing: autopublicado em *ebook*, 2018.

CARDOSO, Eliana. **Dama de paus**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

ELLESTRÖM, Lars. **Beyond media borders, Volume 1: Intermedial relations among multimodal media**. Palgrave Macmillan: Londres, 2021 [2020]. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-49679-1>

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem: Understanding Media**. São Paulo: Cultrix, 1969.

PETERS, Justin. **The Idealist: Aaron Swartz and the rise of free culture on the internet**. Nova York: Scriber, 2016.

STONE, Brad. **A loja de tudo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

Recebido em: 28.09.2020

Aprovado em: 11.12.2021